

UNIVERSIDADE DE FEDERAL DE MATO GROSSO
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA

ALESSANDRO RODRIGUES DOS SANTOS

A ARTE DA CONVERSAÇÃO EM MONTAIGNE

CUIABÁ 2022

ALESSANDRO RODRIGUES DOS SANTOS

A ARTE DA CONVERSAÇÃO EM MONTAIGNE

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Departamento de Filosofia da Universidade Federal de Mato Grosso, como parte dos requisitos para a obtenção do título de graduado em Bacharelado em Filosofia.

Orientadora: Prof^a. Dra. Maria Cristina Theobaldo.

CUIABÁ

2022

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho de conclusão de curso aos meus pais Elescino e Maria Rodrigues; a minha amada guerreira no amor e na vida, Miriam Lima, a qual me inspira com sua alegria de ser, com sua sabedoria e humildade; e a pequena Marjory Louise, cheia de vida e graça que me ensina a ver o belo da vida.

AGRADECIMENTOS

Especialmente à Prof^a. Dra. Maria Cristina Theobaldo que me recebeu como seu orientando e, com sabedoria e generosamente, forneceu as orientações precisas para que eu pudesse iniciar e concluir este trabalho.

Ao Prof^o. Dr. Roberto de Barros Freire por suas aulas de ‘ouro’ e por ser um professor amado na sua maneira de ensinar. E sou grato a ele porque gentilmente aceitou o convite para ser arguidor na banca examinadora de minha monografia.

Grato aos professores doutores do Departamento de Filosofia da UFMT, dos quais recebi das primeiras as últimas lições no Curso de Filosofia. Suas orientações e explicações me fizeram compreender ainda mais a importância da Filosofia em todas as disciplinas que eles ensinaram.

Aos meus pais e família que me incentivaram a alcançar a conclusão do curso.

Aos professores de outros departamentos que dispuseram de seu tempo, quando solicitados pelo Departamento de Filosofia.

A Geisa pelas suas informações precisas e aos funcionários do Departamento de Filosofia da UFMT que contribuíram para a minha formação acadêmica.

Aos meus colegas de curso com quem pude conviver, mesmo por pouco tempo, mas foram especiais.

RESUMO

Esta monografia tem por objetivo desenvolver o tema da conversação segundo Michel de Montaigne nos *Ensaaios*, livro III, capítulo 8, “Da arte de conversar”. Nesse capítulo, Montaigne afirma se educar mais por contradizer os modelos de sua época do que imitando-os. Para o ensaísta, a conversação é a prática mais agradável e proveitosa para o espírito, pois na conversa com um espírito forte, quando respeita o acordo e a ordem, as ideias surgem para a construção do diálogo proveitoso de ambas as partes. Segundo Montaigne, essa ordem na conversação é o meio próprio do exercício do julgamento e do pensamento. Na arte de conversar, Montaigne dá central relevo à questão da ordem e pertinência no curso de um debate.

Palavras-chave: Montaigne, Da arte de conversar, ordem, ensaio, amizade.

RÉSUMÉ

Cette monographie vise à développer le thème de la conversation selon Michel de Montaigne dans les *Essais*, livre III, chapitre 8, “De l’art de la conversation”. Dans ce chapitre, Montaigne affirme s’instruire davantage en contredisant les modèles de son temps qu’en les imitant. Pour l’essayiste, la conversation est la pratique la plus agréable et la plus fructueuse pour l’esprit, car la conversation avec un esprit fort, lorsqu’elle respecte l’accord et l’ordre, surgissent les idées pour la construction d’un dialogue fructueux pour les deux parties. Selon Montaigne, cet ordre dans la conversation est le moyen propre de l’exercer du jugement et de la pensée. Dans l’art de parler, Montaigne accorde une importance centrale à la question de l’ordre et de la pertinence au cours d’un débat.

Mots-clés: Montaigne, De l’art de la conversation, ordre, essai, amitié.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	08
CAPÍTULO 1 – ARTE DA CONVERSAÇÃO.....	13
Ensaíar.....	15
A conversação.....	16
Ouvir e falar na conversação.....	18
Crítica aos retóricos.....	19
A retórica e o retrato de si.....	21
As controvérsias, os dissensos: crítica ao dogmatismo.....	22
A ordem no discurso.....	23
Investigação filosófica na busca da verdade.....	27
CAPÍTULO 2 – A CONVERSAÇÃO NA AMIZADE E NA EDUCAÇÃO.....	31
Amizade.....	33
Crítica ao modelo de educação.....	35
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	38
REFERÊNCIAS.....	40

INTRODUÇÃO

Michel de Montaigne nasceu na França (1533-1592). Foi um homem de dois idiomas (o latim e o francês). Considerado o inventor do ensaio, Montaigne causou forte impacto no século XVI e influenciou grandes autores como Pascal e Shakespeare. Foi um filósofo inovador, cético e um humanista que se interessou pela vida prática. Um homem que viveu no Renascimento¹, um dos períodos mais atribulado e instável não só da França, mas do mundo de sua época, com problemas políticos e religiosos. Ele teve uma vida de ações contínuas no mundo da intelectualidade, na vida pessoal e na vida política: filósofo, escritor, político, jurista, cético e humanista francês. Mas chegou um tempo em que o homem público decidiu se afastar da vida pública após a perda do seu pai e do seu grande amigo La Boétie. O objetivo principal do seu isolamento foi cumprir o desejo de se dedicar ao projeto dos *Ensaaios*, obra filosófica e literária.

Montaigne procurou investigar e entender a conduta humana. Ele não tem um sistema argumentado em conceitos fechados. Sua proposta está voltada para a ação e a experiência cotidiana dos fatos. Ele não se interessa por respostas definitivas, mas sim, antes, através dos argumentos reflexivos, pensar a ação e o ajuizamento, principalmente no campo moral.

O presente estudo objetiva uma leitura interpretativa do oitavo capítulo do terceiro livro dos *Ensaaios*², intitulado “Da arte de conversar”, cujo tema é analisar em que consiste a arte do diálogo. Segundo Montaigne, as regras da conversação são a de um sábio entendimento no assunto e da discussão com ordem. “Discutirei um dia inteiro, se a discussão se processar com ordem. Interessam-me menos a sutileza e o vigor do que a ordem nas ideias...” (III, 8, p. 864).

¹ No século XVI a fragmentação da Igreja é visível e a divisão histórica acontece. Enquanto católicos e protestantes procuravam resolver suas teses; em vez de ganharem, perdiam. Enquanto o feudalismo dilacerava em seus campos de guerra, o mundo tomava outros rumos e não mais a Igreja era o centro das decisões, como também a nobreza perdia o bastão para a aristocracia. O antigo regime dominado pelos dogmas da Igreja, caiu.

² Na presente monografia, faço uso da tradução: MONTAIGNE, M de. *Ensaaios*. Edição integral. Tradução e notas de Sérgio Milliet; revisão técnica e notas adicionais de Edson Querubini; apresentação de André Scoralick. São Paulo: Editora 34, 1ª edição, 2016 (2ª reimpressão – 2020). Os ensaios estão referidos pela numeração do livro (I, II e III), segue pela numeração do capítulo (1, 2, 3, 4, 5, etc.) e a numeração da página (40, 864, 987, etc.). Nas citações a partir de três linhas, os ensaios estão referidos com o nome do autor (Montaigne), o ano da publicação (2016), pela numeração do livro (I, II e III), seguida pela numeração do capítulo (1, 2, 3, 4, 5, etc.) e terminando com a numeração da página.

O Renascimento³ ‘revive’ a cultura greco-romana antiga, e promove grandes avanços nos campos da arte, na literatura, na filosofia e em outras áreas do conhecimento, priorizando a racionalidade, a dignidade do ser humano, o rigor científico e o ideal humanístico. É nesse quadro cultural que encontramos Montaigne, ele foi um estudioso dos pensadores da filosofia antiga, como os gregos e latinos, entre eles Cícero (106-43 a.C.), Horácio (65-8 a.C.), Ariosto (1474-1533), Virgílio (70-19 a.C.), Terêncio (185-159 a.C.), Gatulo (87, 84-57, 54 a.C.), Tácito (56-117), Sêneca (+03 a.C. -65), Ovídio (43 a.C. -17 ou 18) e Plauto (230-184 a.C.).

Segundo Montaigne, a ordem deve ser postulada como uma regra e boa maneira na conversação. Esta ordem reconstitui o movimento desenhado pelas ideias e, assim, poder efetivamente existir uma compreensão no debate entre os interlocutores. A ordem é estabelecida na conversação para que haja uma compreensão racional entre o eu e o outro, no debate das ideias e no discurso como um todo. Com isso Montaigne estabelece um critério para medir o rigor de um espírito forte e o seu valor na arte de conversar e a prudente autoridade que exerce nas questões levantadas dentro do discurso. No “Da arte de conversar” são apresentados os critérios de uma conversa profícua, permitindo discernir o valor dos homens – os vigorosamente fortes e os fracos nas suas opiniões.

A conversação nos *Ensaio*s ganha relevância no interior de uma preocupação com o pensamento e com as ideias expostas na busca pela verdade – não a verdade metafísica, mas a humana. Na conversação é preciso saber ouvir o tolo e o sábio; aprender e compreender o não exemplar, o diferente. É preciso aprender dos dois lados: o que deve ser imitado e o que não deve. A arte de conversar é, por isso, um meio de conduzir o pensamento de forma ordenada, é o exercício de almas fortes. Esse exercício se dá na medida que é confrontado com outros: “A contradição das opiniões não me ofende nem me exalta, apenas me fornece oportunidades de me exercitar” (III, 8, p. 863A).

Montaigne detesta a tirania da palavra, com seus argumentadores a se assegurarem pela eloquência para trazer para perto de si admiradores. E tantos esses eloquentes quanto os bajuladores fogem do critério da ordem.

³ O Renascimento (séc. XIV-XVI) procurou instaurar novos métodos científicos, imprimindo uma visão restaurada do homem e seu lugar no mundo. O Renascimento consistia na imitação, isto é, no retorno aos clássicos e crédito aos mitos. Procurava estudar minuciosamente a filologia e o processo arqueológico, imprimindo a ideia de “renascer”, isto é, trazendo a importância do que era, com a ideia de restauração ao princípio decadente que se afluava. Para os Renascentistas, havia uma necessidade urgente de preservar os pressupostos de mentes geniais e levantar novos conceitos enriquecedores para o mundo científico; fazendo com que o princípio inaugural da modernidade fosse de ascensão proeminente para a História da humanidade.

Quando percorremos os *Ensaaios*, aprendemos a libertar os nossos pensamentos presos por paradigmas, que não nos favorecem à ascensão do conhecimento. A possibilidade de duvidar, de elaborar ajuizamentos e de refletir sobre as próprias experiências, características do pensamento de Montaigne, torna o caminho do aprendizado e da reflexão dos seus leitores mais dinâmico, prazeroso e, em certa medida, também árduo. É o que encontramos no ensaio “Da arte de conversar.

Para Montaigne, as conversações têm que fluir na direção de um rigor e força crescentes. O assunto da conversa tem que ter peso e profundidade, apesar de que a adornação ou proeza da beleza e gentileza são um tanto válidas.

Montaigne tem a conversação como o exercício de maior proveito de nosso espírito. “O mais proveitoso e natural exercício de nosso espírito é, a meu ver, a conversação”. E Montaigne continua na apreciação de ter o poder de ouvir ou a oportunidade de falar: “...se me coubesse escolher, antes consentiria, penso, em perder a vista do que o ouvido ou a fala” (III, 8, p. 862). O nosso espírito fica forte pela comunicação com outros vigorosos e ordenados ou sensatos, argumenta Montaigne (p. 862).

A arte de conversar tem como serviço útil o ato da conversa com o conhecimento, chegando a um proveitoso diálogo entre as partes por meio do exercício do debate. Saber um pouco mais sobre o filósofo Michel de Montaigne e sua arte de conversar, é um dos objetivos traçados aqui. E nesse exercício entender a si primeiramente e externar, isto é, se empenhar em um processo de auto investigação em busca da verdade, num processo de investigação cotidiana. Montaigne como um cético, está em busca do conhecimento, a conversação é a busca, a caçada em busca do conhecimento, da verdade, mesmo que não a possa encontrar. Ele mesmo já diz: “A caça é de nossa alçada [...]” (III, 8, p. 866). A conversação é a busca de três tipos de conhecimentos: o conhecimento em si, o conhecimento adquirido e o conhecimento alheio. Conversar é o ato de procura pelo conhecimento – ainda mais quando é útil para si e os outros incluídos no contexto. A arte de conversar propicia o ato de aprender e exercitar o que já aprendeu.

Ensaio foi o termo que Montaigne escolheu para designar a sua própria atividade filosófica, concebida não exatamente como a proposição de um conjunto de teses determinadas sobre alguma coisa como acontece em geral no campo das filosofias.

Ainda que Montaigne tenha os seus próprios juízos, o essencial, segundo ele, reside numa espécie de prática no exercício intelectual específico, relacionado com o que chama de formação do juízo. Montaigne mostra que esse tipo de exercício está ligado a uma atividade específica, a uma finalidade que é oferecer o que denominou como retrato de si mesmo. É uma obra voltada a descrever os juízos particulares do seu próprio autor. A obra de Montaigne é constituída a partir de modelos clássicos da Antiguidade que deveriam ser reconstruídos tal como é próprio do Renascimento⁴ e sua filosofia. Mas uma filosofia que deve ser julgada inteiramente pela sua própria razão e pelo seu próprio juízo

Que me confesse um pouco mais e verão quantas outras coisas me faltam. Pouco importa. O que importa é que eu me mostre tal qual sou; não me desculpo [...] E já basta que meu juízo não se apoquente com estes ensaios (Montaigne, 2016, II, 17, 632).

Como se sabe, Montaigne afirma nos *Ensaio*s ser ele mesmo o assunto, a matéria do livro (Montaigne, p. 40). E se não é o próprio Montaigne o assunto do seu livro, entende-se que é o espírito humano exposto, principalmente, em tudo que este apresenta de equívoco, contraditório e inconstante.

Montaigne recorre aos autores clássicos da Antiguidade, percorrendo a via do humanismo, parece encontrar nas escolas helenísticas suas referências primordiais. Como cético, literalmente “aquele que busca”, que não se prende a nenhuma opinião, motivado por um desejo (quase) absoluto de controvérsia, mas devido ao reconhecimento da insuficiência humana. Como estoico, traça o paradigma de uma busca que almeja alcançar a verdade absoluta, que é impossível. E Montaigne, no intuito de buscar a verdade, é coagido a conviver não com a certeza dessa verdade, mas com a dúvida. Isso marca em Montaigne a ruptura definitiva com qualquer ideia de verdade absoluta. Então, Montaigne minimiza sua propensão ao estoicismo, pois para ele, é impossível alcançar a verdade. É no ceticismo que o autor dos *Ensaio*s tece a sua busca no caminho da dúvida até a etapa em que é primordial o conhecimento de si, pois o único conhecimento digno de valor maior é aquele que se adquire por si mesmo.

⁴ As faces do Renascimento: Na política e economia, o poder do absolutismo e mercantilismo reinaram. Há aqui um rompimento com as ideias medievais, e o homem se volta para uma nova visão ética, política e a ascensão de um ceticismo de caráter não religioso somente, mas metodológico, argumentando a racionalidade dos fatos. É o renascimento cultural, científico, filosófico e literário com personagens como Montaigne (1533-1592) e Maquiavel (1469-1527).

Montaigne tem múltiplas perspectivas, que a despeito de suas incongruências e contradições, acolhe um quadro que pretende conciliar a busca do saber, a reflexão e o reconhecimento da insuficiência.

A obra *Ensaaios* é um grande volume de três divisões (livros I, II e III). Analisando o contexto geral do Livro, é possível dizer que há um grande tema sintetizado, esse tema é o das paixões humanas. É o incessante movimento do espírito ou da consciência, que é tematizado por Montaigne, e ao mesmo tempo, revela um movimento que busca não o repouso, mas a busca inquietante, o movimento contínuo. Nos *Ensaaios*, o que articula é o caráter circunstanciado. O ensaio se apresenta como um módulo de reflexão que procura apresentar a própria dinâmica da consciência humana, que não se concretiza em algo definitivo, imutável; mas que está sempre aberto, que está sempre em busca, que permanece em constante movimento. Esse movimento contínuo é buscado em tudo aquilo que aflige e também em tudo aquilo que anima ou desperta a curiosidade do espírito humano.

Até que ponto a conversação contribui para a formação do indivíduo? Por que a arte da conversação é o exercício de maior valia para o nosso espírito? Por que a amizade é o lugar da conversação? São essas as questões que norteiam nosso estudo.

No capítulo I, tratamos do percurso do tema central da monografia: a arte da conversação. É o ensaio da realidade humana, onde Montaigne ensaia a ele mesmo; para conhecer o outro e o mundo com mais detalhe. Saber conversar e ouvir é preciso para a construção eficaz entre as partes e manter a ordem no discurso. É preciso percorrer o caminho da investigação filosófica em busca do conhecimento. No capítulo II e último, se pretende abordar a amizade e o conhecimento na conversação. A amizade verdadeira e o conhecimento pelos atos da razão são necessários para o conhecimento de si e para que sirva de espelho aos outros, sem precisar ser notificado ou aplaudido por isso. Nos atos subjetivos, passa-se a conhecer a si e compreender o outro.

CAPÍTULO I

ARTE DA CONVERSAÇÃO

O presente trabalho pretende desenvolver argumentos embasados nos *Ensaio*s, tendo à frente os apontamentos de Montaigne no ensaio “Da arte de conversar”. Com esse tema, entra-se no debate de várias questões como: o ensaio, a conversação, ouvir na conversação, crítica aos retóricos, crítica ao dogmatismo, a ordem no discurso e a investigação filosófica em busca do conhecimento.

Dentre os diversos capítulos dos *Ensaio*s, alguns deles tratam de temas sobre a boa prática filosófica, entendemos que desses capítulos um deles é o “Da arte de conversar” (III, 8). Nele é amplamente abordada a conversação e suas qualidades como um exercício intelectual e das vicissitudes da sua prática.

O mais proveitoso e natural exercício de nosso espírito é, a meu ver, a conversação. É-me a sua prática mais agradável do que qualquer outra. Eis por que, se me coubesse escolher, antes consentiria, penso, em perder a vista do que o ouvido ou a falar (...) A frequentação dos livros é uma atividade calma e fraca, que não entusiasma, enquanto a conversação ensina e exercita ao mesmo tempo (Montaigne, 2016, III, 8, p.862).

Ocorre que o capítulo III, 8, como outros, trata indiretamente de um tema que não é abordado de maneira explícita por nenhum capítulo particular, a saber, o método, ou melhor, “a maneira”, para uma boa prática intelectual e filosófica.

Nosso objetivo é mostrar como o tema da conversação é abordado e como essa abordagem se revela um tributo da tradição e da relação de Montaigne com o ceticismo. O que tem Montaigne em mente aqui quando diz ‘conversação’? Que conversação é essa? Se trata apenas do modo corriqueiro e espontâneo nesse sentido natural com que trocamos ideia entre nós? Mas, se natural tem esse sentido de espontâneo, como entender a ideia de uma ‘Arte de conversar’ da qual ele aludiu? Ademais, seus elogios à conversação são justificáveis pela prática dos “Os atenienses e os romanos tinham esse exercício em grande conta em suas academias. Em nosso tempo os italianos ainda tinham bom proveito dos restos que conservaram, como se vê da comparação do nosso talento com o deles” (III, 8, p. 862).

Parece, então, que o que está em questão é a defesa de um gênero de conversação que, a respeito de sua eventual impertinência de um ponto de vista limitado ao decoro do cortesão, se justifica por uma outra razão. Filosoficamente é preciso saber corrigir, ser corrigido e ir além da dissimulação em nome de uma arte de discutir e de conversar.

É possível pensar que a conversação pode se aproximar da verdade – ainda que não seja a verdade abraçada – quando se passa a perceber que o modelo da conversação que Montaigne propõe é o do diálogo filosófico que, segundo ele, não pode ser adequado do ponto de vista de como ele avalia as exigências dadas pelo decoro cortesão. A partir de determinado momento do capítulo, Montaigne passa a detalhar a sua compreensão dessa espécie de conversação filosófica que ele tanto elogia. O modelo é inspirado no diálogo socrático e mais exatamente numa interpretação específica do sentido desse diálogo de orientação cética.

Montaigne afirma que aprecia quando os homens de bem se expressam corajosamente, de modo que as palavras vão onde o pensamento vai: “...os homens de bem oferecem ao povo o exemplo do que este deve fazer...” (III, 8, p. 861). É preciso fortificar e endurecer a escuta contra a macieza do som harmonioso e cerimonioso das palavras dos retóricos. É de outra conversação que trata os *Ensaíos* e em nome dela é preciso uma atitude diversa daquela. A primeira característica da boa conversação é a coragem de se abrir à contradição. É a atenção de um espírito crítico, que consiste em uma espécie de atitude intelectual básica e fundamental nem sempre está na roda das conversas eruditas: levar a sério todas as razões em discussão e, principalmente, as que nos contradizem. Abandonar o impulso vaidoso de vencer e mostrar sua superioridade em nome de buscar reconhecer efetivamente entre as razões pautadas, qual melhor se sustenta:

A mim, quando me contradizem, despertam-me a atenção, não a cólera; aperto meu interlocutor e tiro partido de seus argumentos [...] Acolho e festejo a verdade, venha de quem vier; rendo-me com alegria, entregando-lhe as armas, vencido de antemão ao avistá-la de longe (Montaigne, 2016, III, 8, p. 863B).

Em outro trecho do III, 8, Montaigne tece a mesma ideia ligando a outros desdobramentos, a partir de um perfil filosófico mais definido, qual seja, o ceticismo:

Entro em conversa e discussão com grande liberdade e facilidade, tanto mais quanto mais as opiniões encontram em mim terreno pouco propício a seu desenvolvimento em profundidade. Nenhuma afirmação me espanta, nenhuma

crença me fere, por contrária que seja às minhas. Não há fantasia, por frívola e extravagante, que não me pareça compatível com as produções do espírito humano. Nós, que privamos a nossa inteligência do direito de julgar, encaramos sem antipatia as ideias alheias e damos-lhes ouvidos embora não as acatemos (Montaigne, 2016, III, 8, p. 862).

Montaigne afirma que nele as opiniões não encontram terreno para criar raízes e numa atitude pessoal, priva seu juízo de dar sentenças. E o próprio Montaigne, logo em seguida, parece indicar o seu modelo, ecoando esse princípio nos diálogos de Sócrates: “Vendo-se Sócrates acolher sorridente as observações que lhe faziam, pode-se dizer que era por causa de seu valor e porque vencida sempre. Aceitava, portanto, os reparos como pretexto para conquistar novas glórias” (III, 8, p. 864). Montaigne tem consciência de seus argumentos a respeito do saber, dos pontos de vista, das posições alheias. Nessa dinâmica dos saberes e posições, tanto filosófico quanto por outro ramo do conhecimento, ele tece a arte da conversação e faz o outro compreender a pertinência do diálogo proeminente. “Amo e honro o saber, bem como os que o possuem: empregado com critério é a mais nobre e poderosa aquisição do homem” (III, 8, p. 865).

De forma consciente e aberta às linhas de múltiplos raciocínios, desde que haja ordem no discurso, Montaigne procura construir um diálogo proveitoso com o outro, abrindo espaço para a dúvida, o faz sem regras e imposições, um Montaigne cético e consciente dos movimentos dos argumentos: “Quando o assunto vence, vence a verdade; quando ganham a ordem e o método, ganhamos nós... Qualquer assunto serve de pretexto, porque seu objetivo está menos em elucidar do que ser útil, isto é, esclarecer os espíritos que sonda e exercita” (III, 8, p. 866).

Ensaiair

Nos *Ensaaios*, Montaigne não prioriza ou conceitua uma verdade absoluta. Ele simplesmente ensaia a realidade humana. Ele não impõe um sistema conceitual cheio de regras, sua filosofia. Ele fala sobre múltiplos assuntos de forma espontânea e livre, menos os assuntos e mais a maneira como postos para debate constitui o ponto relevante. “E tanto pode dizer tolices quem diz a verdade como quem mente, pois aqui não se trata do assunto e sim da forma... Todos podem dizer verdades, mas dizê-las com ordem, sensatez e pertinência poucos o fazem” (III, 8, p. 866).

O filósofo ensaia sobre si mesmo, de acordo com seus gostos, preferências, experiências, sentimentos e sobre a arte do seu desejo de falar e de ouvir. “Estudo-me a mim mesmo mais do qualquer outra coisa e esse estudo constitui toda a minha física e a minha metafísica” (III, 13, p. 987). No capítulo intitulado “Do exercício”, expõe mais de si, com suas experiências e lições, extinguindo o princípio doutrinário e conceitos (II, 6, p. 386). São esses detalhes, aparentemente despretensiosos, que representam os *Ensaaios*.

Montaigne nos faz compreender os limites da razão, e nessa limitação jamais estabelece verdades definitivas. Isso não quer dizer, contudo, que descarta a possibilidade da verdade, jamais, o seu ceticismo não é absoluto.

O conhecer de dentro para fora – o conhecimento de si mesmo – exerce um poder transformador incontestável, para assim, buscar manter um elo de conversação com eficiência em relação ao outro. Como já destacado acima, Montaigne diz: “Estudo a mim mesmo...” (III, 13, p. 987), pois é a partir do próprio eu que se conhece com mais ênfase o outro e o mundo que o cerca. A importância da conversação participa desse processo duplamente: no sentido do autoconhecimento e no sentido do conhecimento do outro.

A conversação

No livro III, 8 a conversa pode ser entendida como um discurso aberto: “A contradição das opiniões não me ofende nem me exalta, apenas me fornece oportunidades de me exercitar” (III, 8, p. 863). Uma conversa livre, mas ordenada, é o ato de conduzir o pensamento, então esse processo ganha força no diálogo. Quando se lê todos os capítulos dos *Ensaaios*, observa-se que a importância da conversa na busca da verdade está presente no livro como um todo e especificamente no capítulo 8 do livro III. Buscar a verdade é estar no caminho dela, não quer dizer que a encontrou, mas o objetivo é permanecer no ato da investigação.

A arte da conversação assumida por Montaigne tem em seu propósito a ordem na discussão: “Discutirei um dia inteiro, se a discussão se processar com ordem. [...] ordem nas ideias [...]” (III, 8, p. 864). Quer dizer, estabelecer respostas satisfatórias nos diálogos desde que haja o propósito da ordem. “Qualquer resposta me satisfaz se vem a propósito...” (III, 8, p. 864).

Ao afirmar a primazia do próprio eu nos *Ensaaios* e observando que ele é o objeto e detalhe de estudo: “Estudo a mim mesmo...” (III, 13, p. 987) o filósofo tem convicção que não existe como sujeito inconstante e controverso. E o diálogo aberto e livre representa essa percepção: ser confrontado todo tempo pelo mundo, por ele mesmo e pelos outros. Segue uma citação para entender o “eu cheio de limitações” de Montaigne:

Quando me convenço, diante dos argumentos que me apresentam, de que minha opinião é errônea, não é tanto a ignorância que se evidencia a meus olhos... é minha fragilidade que constato, é a traição de minha inteligência, e chego à conclusão de que tudo está a exigir reforma. Em todos os meus outros erros, ajo da mesma maneira e tiro dessa regra grande proveito da vida (Montaigne, 2016, III, 13, p. 988).

No “Da arte de conversar”, Montaigne afirma que a conversação é “O mais proveitoso e natural exercício de nosso espírito...” (III, 8, p. 862). A conversação é considerada de uma importância superior na formação intelectual e o exercício de tal atitude forma o indivíduo para o diálogo proveitoso com o outro. Seja para os gregos, egípcios, judeus ou romanos, a conversação exercia (e exerce) uma influência notável para conhecer a razão de si mesmo e entendendo esse ato do saber ao outro. Conhecer o outro exige uma atitude racional dentro do diálogo, por isso que Montaigne afirma ser o mais proveitoso exercício e que de maneira espontânea (natural) deve fluir. É preciso aprender nos atos da conversação e isso exige o diálogo com o contraexemplo, o oposto, o diferente, o fora da lei ou dos padrões estabelecidos como certos.

É preciso todo tempo tomar a postura de saber ouvir, aprender e dialogar. Ser aberto aos dois lados, com o entendimento sólido ou com o desprovimento dele. Esse processo dinâmico e múltiplo leva a uma abertura incondicional para a diversidade de opiniões. A conversação é, de certa forma, um método - livre de paradigmas – um trilha em busca da verdade, ainda que não se chegue a uma certeza definitiva.

O “Da arte de conversar” compreende o processo em busca da verdade pela ordem do discurso. “Entro em conversa e discussão... A busca da verdade não deve ser o alvo de ambos os contraditores?” (III, 8, p. 862, 863). É onde aponta o papel da recusa do discurso autoritário dos sábios e do pedantismo. O dissenso evoca o princípio de que ninguém tem a posse absoluta da verdade. “Por que buscar a verdade em companhia de quem não tem capacidade...?” (III, 8, p. 864). Mas no caminho da verdade, o que prevalece é uma investigação contínua com ordem: “O mundo não passa de uma escola de investigação”

(III, 8, p. 866). A conversação é um meio de conduzir o pensamento ao seio das ações proveitosas, é a exercitação do próprio espírito. Esse exercício só acontece na proporção que é confrontado com os outros. “A mim, quando me contradizem, despertam-me a atenção, não a cólera; aperto meu interlocutor e tiro partido de seus argumentos” (III, 8, p. 863).

Ouvir e falar na conversação

Para Montaigne, saber ouvir é sempre necessário, pois esse saber é um meio de cognição. Não só a audição, mas também a fala, para o autor, exercem uma importância insubstituível no ato da conversação. Nos *Ensaaios*, o filósofo sintetiza a ideia do domínio de ambas as partes: saber ouvir e falar com maestria faz parte da construção do discurso inteligível. Saber ouvir o outro e ao falar, não se autointitular o ‘dono’ da razão. O senhor ‘dono’ da razão (ou de suas próprias razões) nunca entra em acordo e dita a regra que só a afirmação de seus argumentos é verdadeira. Isso não procede no ato da conversação dinâmica, ou seja, aquela que contribui para os interlocutores. Quando se submete ao processo de ouvir, significa assumir a condição humana da própria falibilidade, dos acertos e erros, e ser humilde para assumir a correção destes. Mas saber ouvir não tem um aspecto ou caráter concreto e o filósofo lamenta essa fragilidade dos homens de seu tempo: “...é sem dúvida difícil levar os homens de minha época[...] não se animam a corrigir os outros porque não têm a coragem de suportar que os corrijam...” (III, 8, p. 863C).

Como se sabe, o ouvir tem um processo significativo para o aprendizado, que se desenvolve em um constante diálogo e apreensão das opiniões e dos pontos de vista (que funcionam como conselhos) dos sábios e cultos do passado. Montaigne destaca Plutarco e Sêneca como moldadores do seu processo para o saber ouvir e aprender dos seus escritos. Importante citar que o ouvir se aprende também através da leitura dos virtuosos no saber.

Quanto às minhas demais leituras, as que me instruem e deleitam ao mesmo tempo, as que me ensinam a pensar e a conduzir-me, tiro-as de Plutarco (...) e de Sêneca. [...] Suas lições são da melhor filosofia e se apresentam da maneira mais simples, com competência (Montaigne, 2016, II, 10, p. 422, 423).

O ouvir e o falar coordenam e movimentam a razão no processo para o entendimento, mais que a visão. Dando valor ao debate livre na conversação, Montaigne se prontifica estar aberto aos ataques que lhe possam ser feitos. Mas esses ataques e oposições não podem ser desordenados e aptos à bagunça. A forma de postura a ser conduzida é válida a partir da ordem de ambas as partes. É preciso ouvir e falar de forma ordenada, na coordenação dos atos da conversa (III, 8, p. 864).

O filósofo entra em confronto com atitude daqueles que querem provar a ‘razão’ absoluta de seus argumentos e ainda desprezam o opositor. É em vão, no ato da discussão, quando só o opositor quer sair vitorioso, isso já é sinal do seu fracasso. Tais opositores portam-se de forma inconveniente e na sua oposição vão falando como aos que falam sem coordenação do discurso e ninguém tem um proveito construtivo.

Saber ouvir é uma dádiva para quem deseja a excelência da aprendizagem. Saber ouvir é parte culta do processo, mesmo que o discurso do outro não esteja agradando. Nessas situações, o aconselhamento de Montaigne é esperar sua vez e argumenta pelos punhos da razão.

Crítica aos retóricos

Aqui chegamos a um dos pontos mais incisivos do “Da arte de conversar”: a crítica aos retóricos e aos mestres das Letras. Nessa crítica é possível perceber a importância da conversa ordenada: “Somente pela palavra é que somos homens e nos entendemos” (I, 9, p. 73). Nessa linha de raciocínio, o filósofo critica o discurso cheio de exaltação, cheio de egocentrismo dos professores de retórica. “Não ensina nem a viver melhor nem a bem pensar... Escolhei um professor de eloquência; conversai com ele” (III, 8, p. 865). Homens assim, sua vaidade os leva a busca da própria glória e fogem ao princípio do comprometimento com a busca de razões. “Eu preferiria que o meu filho aprendesse a falar nas tavernas e não nas escolas de eloquência” (III, 8, p. 865).

Montaigne se levanta contra os desprovidos do compromisso com a verdade e partem para a eloquência pelas suas próprias aptidões, buscando admiradores e bajuladores. “Não é que o bem falar não seja bonito e bom, mas não é tanto como o apregoam, e lamento que toda a vida se passe nisso” (I, 26, p. 206).

Para Montaigne, é preciso que as palavras possam traduzir o pensamento e as coisas, o discurso precisa ser claro.

Quero que o pensamento a ser comunicado domine e penetre a imaginação de quem ouve, a ponto de que não mais se lembre das palavras. Gosto de uma linguagem simples e pura, a escrita como a falada, (...) não uma linguagem pedante, fradesca, ou de advogado... (Montaigne, 2016, I, 26, p. 205, 206).

Montaigne é contra o discurso da autoridade que procura converter tudo ao seu favor. Existem muitos que se dizem mestres, mas somente de seus próprios conceitos e buscam o aplauso com sua eloquência: “O mérito da alma não consiste em se elevar mais alto e sim em se conduzir ordenadamente” (III, 8 p. 764) e não se contentar com palavras vazias e posturas pedantes.

O movimento humanista renascentista deu um papel central à retórica⁵. E em particular, foi em Cícero – em especial no diálogo *De oratore* – que se reconheceu um modelo da arte de bem falar, ao ponto que, muitas vezes esteve em causa entre os humanistas a questão de saber como e sob qual aspecto ou grau esse modelo deveria ser imitado. Mas até onde deveria ser imitado? Nesse contexto da retórica, o tema da conversação foi o objeto de vários tratados.

A exemplo dos exercícios da retórica, que procuram treinar o cortesão erudito, formação para o convívio social também se amplia até as normas de comportamento que ele deve ter em todas as manifestações sociais: andar, lutar, fazer exercícios, vestir-se, tocar música, pintar, sua maneira de falar, de rir, de fazer gracejos, de agradar, de conversar, de cortejar as mulheres. Um bom cortesão é capaz, de modo bem sucedido, de se pôr a serviço dos príncipes e dos nobres em vista da obtenção de favores, cargos, recompensas, honras e doações de títulos ou terras.

Trata-se, em sentido amplo, de uma retórica para persuadir, isto é, agradar, emocionar, convencer, modificar as ações dos outros, da qual a conversação é uma parte essencial. É disso que trata, em parte, o capítulo “Da arte de conversar”. E há passagens que podem sugerir que esse é sim o tema, como quando na conclusão do capítulo, Montaigne comenta sobre eventual pertinência de incluir na conversação piadas mais picantes e provocativas. “Podemos também tratar, neste capítulo, acerca da conversa e da discussão, dos propósitos trocados na intimidade, entre amigos que zombam e gracejam uns dos outros. É um exercício em que se compraz minha vivacidade” (III, 8, p. 875A). Ou mesmo o uso de brincadeiras de mãos indiscretas e ásperas à moda francesa que, diz

⁵ Os exercícios de retórica visam o convencimento pelo ato da fala, do discurso. É a técnica da eloquência com o objetivo de convencer o seu opositor ou a plateia. É um exercício consistente e convincente.

ele, “[...] em que me aborreço mortalmente [...] Tenho a pele sensível e já vi enterrarem dois príncipes de sangue real. É feio bater-se brincando.” (III, 8, p.875B).

Mas também, e principalmente, no “Da arte de conversar”, Montaigne critica o procedimento artificial dos discursos dos eruditos de seu tempo, sugerindo uma recusa do falar retoricamente estudado, artificial. Faz parte, portanto, da arte retórica, um procedimento de dissimulação pelo qual o que é produto de arte, na verdade, deve aparecer como espontâneo e natural. Então, deve-se ter cuidado.

A retórica e o retrato de si

Montaigne, ao se referir aos seus ‘erros naturais’, estaria partilhando dos temas usuais acerca da retórica, da discussão e da pertinência de falar de si, ou simplesmente dissimulando? Porque, ainda que ele considere necessário abordá-los, a sua intenção é outra. Num processo de dissimulação retórica⁶, Montaigne parece ironizar os cortesãos⁷. Ele não se oferece como um bom exemplo, mas como alguém que serve de exemplo a contrapelo ao expor seus erros e a se julgar pelo que diz, não parece falar de si por ver nisso uma vantagem, mas, antes, bem ao contrário.

É interessante notar que há uma tradição de textos sobre a arte de conversar no século XVII. Montaigne fez nos seus *Ensaio*s a arte de si mesmo, de se conhecer em primeiro lugar para depois dialogar com o outro. Nos *Ensaio*s, Montaigne tem o objetivo de estudar a si próprio, propondo um retrato de si, como já anunciado no seu “Aviso ao leitor”, que é cercado de advertências que são tanto retórica: “Assim leitor... não empregues teus lazeres em um assunto tão fútil e de tão mínima importância” (Montaigne, 2016, p. 40). O seu livro é repleto de juízos e descrições pessoais. E mesmo o capítulo “Da arte de conversar”, o início do capítulo retoma a questão da pertinência de falar de si mesmo:

É costume de nossos tribunais condenar alguns para exemplo dos outros [...] Eu faço a mesma coisa. É certo que os meus erros são naturais e incorrigíveis,

⁶ A dissimulação retórica é o cerne do adágio: faça o que te digo, mas não faça o que eu faço. É o ato da hipocrisia. Esconde suas verdadeiras intenções por traz de capas como um belo discurso, uma boa aparência, um ato misericordioso em troca de favores; mas, na realidade, é um cidadão e cortesão que tem suas qualidades manchadas por várias deformações nas suas ações, as ocultando no seu privado/particular.

⁷ O filósofo e/ou o sábio difere do típico cortesão pelo sentido de ainda que vive entre os nobres e personagens, não é manipulado para viver de acordo com a corja corrupta nas suas ações e discursos manipuladores, mas é alguém que pelo seu caráter íntegro e características precisas pelo punho da razão, merece ser seguido pelos seus exemplos peneirados pela bateia da sabedoria e da verdade.

mas assim como os homens de bem oferecem ao povo o exemplo do que este deve fazer, eu os convido a não me imitem... (Montaigne, 2016, III, 8, p. 861).

Para justificar a utilidade da sua exposição, Montaigne afirma que embora nem todos sejam necessariamente como ele: “Não sei se haverá alguém como eu que mais se eduque contrariando os modelos do que os imitando, e deles fugindo mais do que os seguindo” (III, 8, p. 861). Sua instrução ocorre melhor pela contrariedade do que pelo exemplo seguido. Será que esse é um dos defeitos a que ele se refere? Na sua justificativa cita uma passagem de Catão, o Velho: “...os sensatos aprendem mais com os loucos do que estes com aqueles” (III, 8, p. 861). Logo a frente, se posiciona de um modo no qual parece se situar de modo incontroverso. O gênero de conversação que propõe, em suas próprias palavras, não é de agrado dos homens do seu tempo, ou seja, retoricamente não é tão agradável. Tais homens, dissimuladamente, falam sem ordem na conversa, não corrigem e não gostam de serem corrigidos.

As controvérsias, os dissensos: crítica ao dogmatismo

Quando Montaigne relata sobre o dissenso na conversação, ele está criticando os pedantes e a intolerância dos que se intitulavam mestres da razão. É preciso não só ouvir, entender e falar de forma consistente, mas também analisar e dar crédito ao pensamento do outro, abrindo espaço para o oposto ao seu pensamento. “E um vício de linguagem, mais do que um falar correto, emenda o meu modo de exprimir. Todos os dias a tola conduta dos outros me adverte e aconselha” (III, 8, p. 861).

Nos *Ensaio*s, Montaigne aponta que se a verdade deve ser buscada e o objetivo é esse fim, não é através da imposição de homens que se dizem donos da razão, que tal busca alcançará algum êxito. Todos podem se posicionar, mesmo que cada um tenha ideia distinta. A ideia de dissenso acontece nos *Ensaio*s e culmina na própria busca da verdade, que se alcançada, tem que ser “comum a um e a outro”: “O tempo... nos corrige às avessas, mais por desacordo do que por acordo e mais por divergência do que por semelhança” (III, 8, p. 861). Procedendo assim, o diálogo desimpedido dogmatismo ganha importância, respeitando ambos os lados, acolhendo as posições e retendo de forma proveitosa o que lhe é útil.

A conversa tem em duplo sentido, se há consenso, nenhuma das duas partes perde. Mas se há dissenso, a parte arrogante sempre perde mesmo pensando que ganhou: “...gosto que sejam sinceros e que suas palavras expressem exatamente seu pensamento. Cumpre fortificar os ouvidos contra o som lisonjeiro das palavras cerimoniosas” (III, 8, p. 863D). A conversa sempre tem que ser dividida ao meio: metade de quem fala e a outra metade de quem ouve.

Os *Ensaio*s têm, em certa medida, um valor e caráter biográficos, unindo a obra à vida do autor. Em outras palavras, o resultado daquilo que se fala, primeiro é aplicado a si mesmo para depois ter sentido para o outro: “Não há perigo de que o artesão e sua obra se contradigam...” (III, 2, p.761). Pintando a si mesmo, Montaigne principia de maneira dinâmica à conversação, tendo o cuidado de não se perder na apologia do egocentrismo, e ter como fruto de sua subjetividade a vaidade.

Montaigne diz que ele mesmo é a matéria de seu livro. Ele se mostra como homem do mundo que se preocupa com o outro e com o que o cerca: “...eu sou essencialmente comunicativo e exuberante; sou um indivíduo inteiramente e visivelmente voltado para fora, nascido para a sociedade e a amizade” (III, 3, p. 776).

A conversação tem tal importância no contexto dos *Ensaio*s que molda o homem para entender a sua própria condição e a do outro. No ato da conversação está embutida a investigação do próprio agente sobre si mesmo, benefício que se expande para todos os interlocutores: “A vida... do homem do povo é de resto um assunto filosófico e moral tão interessante quanto a do indivíduo mais brilhante...” (III, 2, p. 760).

A ordem no discurso

A maneira é a ideia fundamental no “Da Arte de Conversar”. O modo como se dá o encadeamento do discurso é essencial para a sua qualidade. Isto é, uma discussão de ideias com ordem no debate. Sendo assim, na conversação a maneira de condução dos argumentos é tratado com grande primazia, no princípio da ordem: “[...] o fruto da experiência [...] consiste [...] em saber tirar da prática maior perspicácia e em demonstrar que se fez mais hábil em sua arte” (III, 8, p. 869). E nessa linha de raciocínio, Montaigne continua: “Não basta enumerar experiências; é preciso ainda classificá-las e ponderá-lhes o valor; cumpre examiná-las de perto, analisá-las, a fim de extrair as conclusões e as razões que comportam” (III, 8, p. 869).

Assim, na conversação há um cuidado para com o significado das matérias e, principalmente, com a maneira como se prossegue o discurso. Em certo ponto, Montaigne chega a falar que está dizendo segundo a maneira e não com ênfase na matéria. Isso faz observar uma espécie de conversão para o envolvimento da maneira aplicável ao conjunto da obra: “Não se preste atenção à escolha das matérias que discuto, mas tão somente à maneira por que as trato.” (II, 10, p. 418).

O homem de conversação pode possuir opiniões e crenças, desde que não firme em assumi-las e sustentá-las de modo dogmático. O homem de conversação também não empresta o julgamento, isto é, ele não decide sobre sua verdade ou falsidade, o seu raciocínio não pode ser constituído pelas teias das ignorâncias aparentes: “Não procuramos saber se é justa e sim como a repelir; em lugar de acolhê-la, arreganhamos os dentes [...] Gosto que sejam sinceros e que suas palavras expressem exatamente seu pensamento” (III, 8, p. 863E).

A postura cética de Montaigne favorece uma abertura para o exercício de uma conversa em que haja contradição dos julgamentos. Montaigne encara a contradição de forma tranquila como instrução capaz de corrigi-lo, pois por meio das contradições, a atenção é acurada. As contradições nas disputas e nas conversas permitem apurar as afirmações como causa comum: “Não há conversação sem contradição [...]. Seria útil se fizessem apostas nas discussões, apostas que seriam ganhas por quem tivesse razão” (III, 8, p. 863).

Enfim, Montaigne não assume sua posição pessoal em um debate como portador absoluto da razão e da verdade, mas aceita ser contradito em nome de um argumento mais forte e consistente, busca e tenta se corrigir: “A contradição das opiniões não me ofende nem me exalta [...]. Não gostamos de ser corrigidos, e qualquer observação nesse sentido deve fazer-se em tom de conversa.” (III, 8, p. 863).

A conversa em que Montaigne se empenha, perfaz de preferência entre amigos que, vigorosos e generosamente se corrigem em suas opiniões e condutas. “[...] seria desagradável que meus amigos me criticassem com rudeza: “és um tolo, estás a sonhar” [...] gosto que sejam sinceros e que suas palavras expressem exatamente seu pensamento” (III, 8, p. 863). Na arte da conversa, não há nenhum espaço para a mentira, a adulação e nem para a dissimulação. “Cumpram fortificar os ouvidos contra o som lisonjeiro das palavras cerimoniais” (III, 8, p. 863). Define-se como um exercício em que todas as

proposições se veem igualadas e reduzidas ao domínio da opinião, instaurando as condições de um livre exame, de uma busca desinteressada e sem termo da verdade, em que não importa tanto a vitória que se obtém na matéria, mas a conduta que se tem durante o transcorrer da maneira. Aqui o que mais importa é a forma, a maneira das conversas do discurso. “E, no que tomo de empréstimo aos outros, vejam unicamente se soube escolher algo capaz de realçar ou apoiar a ideia que desenvolvo [...]” (II, 10, p. 418). E no capítulo “Da arte de conversar”, temos o complemento: “Só aprendemos a discutir para contraditar, e acontece, em meio às contradições recíprocas, perder-se e aniquilar-se a verdade” (III, 8, p. 864).

Um dos objetivos da conversação não se dá em torno do objeto ou no plano das matérias, mas com o objetivo do desvio da atenção das matérias para a maneira, ou seja, o que a conversa deve produzir é a correção das impertinências dos discursos e desse para os interlocutores. Ensina-se a conhecer a impertinência do espírito, sua tolice e desordem; é o reconhecimento de um erro que assenta no sujeito mesmo, em sua forma de condução do pensamento: “Saber reconhecer nossa ignorância é mesmo uma das mais belas e seguras garantias de que não carecemos da faculdade de julgar” (II, 10, p. 419).

Montaigne aponta que o homem nasceu para buscar a verdade. E essa busca deve ser bem conduzida, com pertinência⁸, leveza e beleza. Os cuidados e o zelo com o discurso percorrem a via da maneira. Sendo assim, o que mais importa é a condução do discurso, a maneira proeminentemente no desempenho hábil de seu exercício. Para o bom exercício da conversa, a verdade como causa comum deve ser perseguida, instalando-a pacificamente no domínio da busca e da ordem. “Acolho e festejo a verdade [...] Discutirei um dia inteiro, se a discussão se processar com ordem [...] ordem nas ideias, ordem que subsiste [...]” (III, 8, p. 864).

No conjunto dos *Ensaio*s, Montaigne procura estabelecer um saber seguro, abordando as matérias conforme pede a maneira de manejá-las e desenvolvê-las em seus exercícios de juízo. “Não se preste atenção à escolha das matérias que discuto, mas tão somente à maneira por que as trato” (II, 10, p. 418).

Na conversação, não significa que se dê relevância a um cuidado exclusivo com a instrução puramente formal da capacidade de argumentar e discursar; por ser um ponto crucial, passamos do âmbito da adequação dogmática e artificial do discurso para as

⁸ A pertinência é a coerência, relevância e legitimidade do discurso conduzido pela ordem. A impertinência, pelo contrário, é o ato de quem é desrespeitoso com a busca da verdade; é o que não se relaciona com o assunto em questão; é o desprovido de ordem.

coisas, para a suposta ordenação interna dos assuntos. Trata-se agora da maneira, isto é, do modo de equacionar variados assuntos e até mesmo a sabedoria herdada dos antigos: “[...] pois aqui não se trata do assunto e sim da forma [...] Todos os dias divirto-me com ler autores, analisando-lhes a maneira e não o tema” (III, 8, p. 866).

Montaigne nos remete para o âmbito das matérias, das coisas, das concepções e ideias ao explorá-las de várias maneiras, algo que só uma educação cuidadosa favorece. É sempre bom notificar que a educação tem como cerne a formação do julgamento e nos dá a entender o desprezo e o descuidado com os artifícios dialéticos e retóricos. “[...] quando ganham a ordem e o método, ganhamos nós” (III, 8, p. 866).

Voltemos, então, ao velho adágio que afirma julgar e falar bem quem é conhecedor daquilo de que se trata. No decorrer do discurso, veremos como a ‘ordem’ revela a capacidade do espírito de dominar e manejar os diversos assuntos e as várias matérias, sem, contudo, se apoiar em um saber dogmático sobre elas: “[...] me orgulho com a vitória obtida sobre mim mesmo quando, no ardor da discussão, me curvo sob o peso das razões do meu adversário[...].” (III, 8, p. 864).

A questão da ordem articula o discurso. E, por que não dizer, está presente no próprio Livro? A ordem não se concebe como um espelhamento das coisas mesmas no discurso, mas se dá no plano das articulações das “fantasias”, das representações, sem garantias objetivas: “Discutirei [...] se a discussão se processar com ordem [...] ordem nas ideias [...] ordem que subsiste [...]” (III, 8, p. 864). Há duas perguntas sobre a ordem a serem feitas: Como tecer um discurso ordenado? Quem é capaz de tecê-lo? As duas perguntas, o texto as responde mais pelo avesso, através das figuras do obstinado e do tolo, do que positivamente. Contudo, Montaigne elogia os que sabem conversar com sabedoria com arte simples em oposição aos rebuscamentos da arte retórica.

A ordem é um dos termos que integram as qualidades do estilo de Montaigne, ao lado da prudência e da suficiência. Há outros elementos, como a força, a graça ou a sutileza dos argumentos, mas que ficam em segundo plano. A ordem é o predicado privilegiado pelo ensaísta na conversação, que é condição necessária e suficiente para seu desenvolvimento. Na sequência imediata desta citação, Montaigne nos oferece não uma definição do que ela possa ser, mas uma imagem viva de onde ela se perfaz:

Interessam-me menos a sutileza e o vigor do que a ordem nas ideias, essa ordem que subsiste entre os pastores e caixeiros, mas não entre nós. São por

vezes indelicados e o mesmo fazemos, mas suas impaciências não os afastam do assunto; a discussão prossegue e, se falam sem aguardar sua vez, ao menos entendem-se. Qualquer resposta me satisfaz se vem a propósito... (Montaigne, 2016, III, 8, p. 864).

Observemos aqui como a civilidade não perfaz o que é essencial para a instalação da ordem. A incivilidade dos pastores e meninos de oficina, em seu tumulto e impaciência, não exclui a ordem na conversa. O prosseguimento do curso da conversa é garantido pelo simples fato de que não se desviam do tema proposto. “[...] a ordem nas ideias, essa ordem que subsiste [...]” (III, 8, p. 864). Mantendo a ordem, como também atendo-se a este nexos mínimo e suficiente que engendra a consecução no discurso: o nexos se expressa na manutenção do respeito ao propósito. Isso quer dizer que, modestamente nos é cabido e avisado de que a resposta deve convir ao assunto, deve-se acomodar à pergunta que se tinha feito pela razão simples de pertencer ao mesmo assunto. Assim prosseguindo, se garante que haja também entendimento entre os interlocutores.

Percebe-se que, se o discurso para o ensaísta não pode ter garantias de não se desgarrar, não se renuncia por isso a garantia da relevância das falas que são trocadas ao longo da conversa. Esta relevância se constrói quando as trocas verbais se referem pertinentemente à questão em pauta. “Todos podem dizer verdades, mas dizê-las com ordem, sensatez e pertinência poucos o fazem” (III, 8, 866). Aqui a ordem estabelecida que se demanda é que tenha pertinência e a partir dela, tem que haver uma construção estruturada do discurso. Assim, com os espíritos vigorosos e regrados dos interlocutores, a ordem e pertinência abrem o campo do entendimento mútuo, havendo um desdobramento com mais ênfase no diálogo: “Se converso com um espírito forte... ele aperta-me [...] e suas ideias sugerem as minhas” (III, 8, 862).

Investigação filosófica na busca da verdade

As filosofias de Sócrates e de Platão, são objetos de uma interpretação específica nos *Ensaio*s. No capítulo “Apologia de Raymond Sebond” (Livro II, 12), Montaigne escreve:

Platão acha que nada é mais belo do que a forma esférica... [...] Diz Platão que os melancólicos são os mais aptos à disciplina e os melhores... mas não há também mais propensos à loucura [...] Alguns veem em Platão um dogmático, outros acham-no cético. Há quem o classifique de certa maneira em certos

casos, e de outra em outros. O personagem principal de seus diálogos [em Platão], Sócrates, suscita sempre várias questões, provoca o debate mas nunca lhe põe fim e nem conclui (Montaigne, 2016, II, 12, ps. 481, 489 e 504).

A filosofia socrática já existia bem antes do ceticismo da Nova Academia⁹, – que se desenvolveu a partir de cerca de 100 anos depois da morte de Platão através de filósofos como Arcesilau e Carnéades, que o sucederam na liderança dessa escola – a partir daí ascendeu copiosamente. Suscintamente, esses filósofos entenderam que o essencial da mensagem socrática residia não na proposição de uma doutrina que se presumia verdadeira, mas na realização de uma investigação filosófica cujo destino é mostrar a seus interlocutores que eles não conhecem a verdade acerca dos diversos temas sobre os quais pretendem se especializar. Uma filosofia cuja arte dialética de exame racional acaba por ilustrar aquilo que, segundo a *Apologia de Sócrates*, ele mesmo teria reconhecido ser o sentido de sua sabedoria (segundo o oráculo de Delfos), consistia em saber que nada sabia: “Sócrates, o homem mais sábio que já houve, respondeu ao lhe perguntarem o que sabia: “uma coisa – e muito bem: que nada sei”” (II, 12 p. 497).

Montaigne conheceu a filosofia socrática e sua interpretação através de muitas fontes: Diógenes Laércio, Cícero, Plutarco. Esses esclarecimentos existem aqui, porque nos ajudam a interpretar o sentido daquilo que o próprio Montaigne afirma, ele mesmo, em seguida no ensaio sobre “Da arte de conversar”:

Acho que, em Platão e Xenofonte, Sócrates discute mais para os principiantes do que pela discussão mesma, e mais para instruir Eutidemo e Protágoras acerca de suas próprias tolices do que de sua arte. Qualquer assunto serve de pretexto, porque seu objetivo está menos em elucidar do que ser útil, isto é, esclarecer os espíritos que sonda e exercita... O mundo não passa de uma escola de investigação. Não ganha quem corre mais, mas quem corre melhor. E tanto pode dizer tolices quem diz a verdade como quem mente, pois aqui não se trata do assunto e sim da forma (Montaigne, 2016, III, 8, p. 866).

⁹ O Ceticismo da Nova Academia desenvolveu-se para dizer uma frase, concebendo a atividade filosófica como uma prática argumentativa de dialética, através da produção de inúmeros argumentos refutatórios dirigidos contra os principais argumentos filosóficos do seu tempo que se arrogavam à pretensão de oferecer verdades como o estoicismo e o epicurismo. “[...] Epicuro [...] em seus escritos evita qualquer citação [...] Não raro vemo-lo envolver [...] em uma obscuridade espessa e inextricável, a ponto de não podermos discernir sua opinião” (II, 12, p. 503). À perspectiva de que essa investigação redundaria reiteradamente na suspensão do juízo, faz-se ao fato de que o reconhecimento da verdade estaria inescapavelmente para além das capacidades de um entendimento humano. Nunca encontramos a verdade, para sentar e bater no peito que definitivamente a encontramos. É bem certo, que nós nascemos para buscar a verdade, mas possuí-la é próprio de um poder maior que o nosso, conforme parafraaseamos as páginas 863 e 866 na metáfora da caça.

Nessa passagem, percebemos que a boa conversação é aquela que não se pauta pela sedução cortês e pelas regras de decoro, mas pela busca da verdade. É isso que caracteriza uma investigação filosófica. Essa passagem mostra também ser essencial distinguir duas coisas: que a investigação filosófica deve se pautar pela busca da verdade; significa também que tal pesquisa não autoriza dizer que a verdade foi encontrada; e não há contradição entre esses dois pontos, muito pelo contrário.

Só por fraqueza nos contentamos com o que os outros e nós mesmos deparamos nessa caça ao saber; os mais aptos não se satisfazem e haverá sempre caminho a percorrer para quem vier depois, e até para nós se agirmos de outro modo. Nossas investigações só chegarão ao fim no outro mundo (Montaigne, 2016, III, 13, p. 983).

Há aqui uma contestação, uma refutação do ceticismo de Montaigne. É evidente que, se o objetivo é conhecer a verdade, obviamente importa saber se as opiniões sustentadas são boas ou más, corretas ou incorretas, verdadeiras ou falsas. Mas como saber se de fato o são? O ponto não é acertar, isso faz igualmente o tolo que acredita dizer a verdade quanto não a diz:

Quantas tolices ouço dizer e responder diariamente! E quantas, em maior número ainda, devem os outros ouvir de mim! Se mordo os lábios para delas não rir, que farão os outros? Afinal cumpre-nos viver com os vivos e deixar correr o rio sob a ponte, sem nos preocuparmos ou, ao menos, sem nos encolerizarmos... A irritação provém antes do juízo que do crime (Montaigne, 2016, III, 8, p. 867).

A investigação filosófica é uma atividade a caminho da verdade, na qual o diálogo, segundo Montaigne, parece ser um instrumento importante para o aprendizado da maneira de pensar: “A caça é de nossa alçada...” (III, 8, p. 866). Trata-se do que Montaigne se refere como formação do juízo, a busca ou a investigação sobre a verdade: “Quando o assunto vence, vence a verdade...” (III, 8, p. 866). A busca da verdade é um tema recorrente e com o qual ele identifica a própria atividade de ensaiar.

É preciso buscar o convívio com almas fortes e sadias que sirvam como modelos da boa realização na busca pela verdade. “Aprecio uma convivência e familiaridade fortes e viris...” (III, 8, p. 863). Montaigne, embora aprecie discutir, diz que isso não se aplica a qualquer interlocutor.

Buscar a verdade e a boa conversação, é ter uma atitude ativa enquanto investigação filosófica, ou seja, buscar as razões que se podem opor aquilo que se acha verdadeiro na discussão.

Encerramos o presente capítulo dizendo que o autor “Da arte de conversar” foi educado segundo as ideias humanistas do Renascimento, tendo por base tanto o conhecimento dos clássicos, quanto o das línguas gregas e latinas. Com isso, Montaigne teve ampla formação moral e filosófica, o que lhe permitiu enfatizar a conversação como instrumento de conhecimento e formação moral. Por meio da temática da arte de conversar, o autor apresenta críticas ao modelo de educação de sua época, nos faz entender que o modelo de educação, permitido pelo diálogo, é capaz de alcançar o conhecimento e formar um ser humano flexível, capaz de percorrer, com pegadas sagazes, na busca da verdade.

CAPÍTULO II

A CONVERSAÇÃO NA AMIZADE E NA EDUCAÇÃO

O presente capítulo pretende situar a relação entre a amizade e a conversação. Vamos acompanhar como Montaigne reflete sobre a amizade, suas características, suas modalidades, suas influências e o poder sobre a vida do outro. A amizade é um dos lugares perfeitos para a conversação. Mas porque a amizade é propícia para a boa conversação?

A arte de conversar com ética é a recusa da ideia de verdade definitiva no campo da moralidade encontrada e é também a característica do que podemos tomar como exemplo da relação entre a conversa e a amizade o que Montaigne exercitou ao longo da sua vida na amizade com seu pai e com o seu grande amigo La Boétie – procurando dialogar por toda a vida, com o conhecimento. Com seu grande amigo e interlocutor, vivenciou intensa relação no melhor sentido da ética aristotélica da amizade. O objetivo primeiro dessa amizade é a inteireza de duas pessoas se juntarem no ato da conversação, livre e dinamicamente procurarem o entendimento sobre as mais variadas matérias. A amizade é nutrida pelo ato da comunicação.

A amizade ocupa um lugar central tanto na obra quanto na vida de Montaigne. A concepção de Montaigne a respeito da amizade é inseparável da memória de La Boétie; com essa força, a amizade tem uma função exemplar – os amigos servem um ao outro como espelho da virtude. “O calor da amizade estende-se a todo o nosso ser; é geral e igual; temperada e serena; soberanamente suave e delicada, nada tendo de áspero nem de excessivo” (I, 28, p. 217A).

Montaigne e La Boétie articulam a arte da conversação porfiando nos detalhes múltiplos entre a amizade, as virtudes cívicas e a liberdade. Por exemplo, Montaigne diz que nenhum argumento do mundo era capaz de tirar a certeza dessa amizade: “Todos os argumentos não me tirarão a certeza que tenho de suas intenções e de sua maneira de pensar” (I, 28, p. 221). A conversação entre amigos não se deixa arrastar por bajulações e verbalismo desnecessário. O que importa para Montaigne é o sentido da verdadeiro da amizade:

“Nossas almas caminharam tão completamente unidas, tomadas uma pela

outra de tão ardente afeição, essa afeição que penetra e lê no fundo de nós mesmos, que não somente eu conhecia a sua como a minha, mas teria, nas questões de meu interesse pessoal, mais confiança nele do que em mim mesmo” (I, 28, p. 221).

Montaigne procura diferenciar a amizade de outras formas de relações aparentadas. A verdadeira amizade, cuja causa, objetivo e fruto residem em si mesma, diferenciando-se, em primeiro lugar, da relação pais e filhos, onde reina a desigualdade e não há uma correspondência plena. Diferencia-se também da relação entre irmãos. Enfim, as relações familiares não têm o poder da livre escolha e do livre-arbítrio presentes na amizade virtuosa.

A amizade tem um teor maior, por ser espiritual, se alimenta e cresce com a prática. A amizade virtuosamente verdadeira não se confunde nem com o sexo nem com o casamento, pois estes, após o prazer, há um declínio; aquela, porém, há a ascensão com o tempo: “...o nome de amizade... tem outras causas, visa a outros fins” (I, 28, p. 216A).

A amizade entre Montaigne e La Boétie caracteriza-se pela fusão perfeita entre os amigos. Há algo meio que sagrado e transcendental na amizade ideal, onde as almas ora se perdem e se confundem e, ora se encontram e se entrelaçam em múltiplos acordos atemporais. A amizade verdadeira promana de uma força inexplicável: “A amizade... cresce com o desejo que dela temos...” (I, 28, p. 218A).

Na amizade verdadeira os amigos zelam constantemente um do outro, mantendo na relação um espaço permanente para o aconselhamento e ajuizamento mútuo. É isso que permite que a relação amigável seja um auxiliar poderoso da virtude. Na ajuda mútua, os amigos se modelam em belos e sólidas teias que jamais entram em ruínas: “[...] de ordem tão elevada que a amizade cria [...] e que tão fortemente nos une” (I, 28, p. 218B).

A amizade em Montaigne e La Boétie não perdia tempo com o fracasso e nem se sujeitava a modelos de amizades frouxas. A verdadeira amizade, segundo Montaigne, tem a ideia de ser verdadeira com ela mesma, cuidada pelos parâmetros da virtude: “...quando se trata de amizade, nada intervém senão ela e ela unicamente” (I, 28, p. 218C).

A verdadeira amizade exige, então, um entrelace perfeito e sem lacunas nas almas dos amigos, tendo como apego a afeição contínua. Em Montaigne, o afeto preside a união perfeita que caracteriza a amizade verdadeira. E, ao que especificamente nos diz respeito: a amizade é o perfeito elo para a conversação com a sabedoria.

Amizade

No capítulo em que Montaigne fala da amizade, dedicado a Etienne de La Boétie, traz como ponto de partida a amizade que mantinha o elo crescente; (e ao citar Sobre a amizade em Cícero, ele diz: “A amizade atinge a sua irradiação total na maturidade da idade e do espírito” (I, 28, p. 220A)) e ao mesmo tempo a percepção sobre a amizade de um para com o outro, trazendo assim uma reflexão sobre a amizade e o elogio ao amigo. Com isso Montaigne reflete sobre a amizade, suas características, suas modalidades, suas influências e crescimento sobre a vida do outro. “Se insistirem para que eu diga por que o amava, sinto que o não saberia expressar senão respondendo: porque era ele; porque era eu” (I, 28, p. 220B).

Montaigne tem a preocupação em caracterizar que modo de relação merece ser legitimamente chamada de amizade, distinguindo de situações e sentimentos correlatos ou que possam lhe ser confundidos, como o relatado por ele mesmo:

É verdade que a amizade assinala o mais alto ponto de perfeição na sociedade. Em geral, sentimentos a que damos o nome de amizade, nascidos da satisfação de nossos prazeres, das vantagens que usufruímos, ou de associações formadas em vista de interesses públicos ou privados, são menos belos, menos generosos e participam tanto menos da amizade, a qual tem outras causas, visa a outros fins. (Montaigne, 2016, I, 28, p. 216B)

Segundo Montaigne, a amizade é a mais perfeita forma de relação entre os seres humanos. Pensando dessa forma, é importante diferenciar a amizade de outros tipos de relacionamentos. Primeiro, diferenciá-la dos relacionamentos determinados pela natureza, os relacionamentos familiares:

Nas relações entre pais e filhos, é mais o respeito que domina. A amizade nutre-se de comunicação, a qual não pode estabelecer-se nesse domínio em virtude da grande diferença que entre eles existe, de todos os pontos de vista; e esse intercâmbio de ideias e emoções poderia por vezes chocar os deveres recíprocos que a natureza lhes impôs, pois, se todos os pensamentos íntimos dos pais se comunicassem aos filhos, ocorreriam entre eles familiaridades inconvenientes. Mais ainda: não podem os filhos dar conselhos ou formular censuras a seus pais, o que é, entretanto, uma das primeiras obrigações da amizade. (Montaigne, 2016, I, 28, p. 216C)

Montaigne entende que na relação entre pais e filhos falta a liberdade, que é de fundamental importância no relacionamento entre amigos e a inteireza da intimidade, que decorre dessa liberdade¹⁰. No poder da amizade, podemos ver a presença de liberdade e de intimidade entre as pessoas sem nenhum obstáculo:

É, em verdade, um belo nome e digno da maior afeição do nome de irmão; e por isso La Boétie e eu o empregamos quando nos tornamos amigos; [...]. Nas amizades que nos impõem a lei e as obrigações naturais, nossa vontade não se exerce livremente; elas não resultam de uma escolha, e não depende mais de nosso livre-arbítrio que a amizade e a afeição. (Montaigne, 2016, I, 28, 217B).

Para Montaigne, irmãos são, por natureza, concorrentes, o que se torna um entrave para a amizade no sentido real. Na via da amizade, a afinidade de interesses que a caracteriza não é necessariamente encontrado entre irmãos: “[...] e não há razão para que ela [amizade] se verifique, entre pai e filho, ou entre irmãos [...]” (I, 28, p. 217C).

Compreendemos que a afirmação explícita sobre a amizade que “ela assinala o mais alto ponto de perfeição na sociedade” (I, 28, p. 216), mas não afirma em que consiste essa perfeição. Assim, o que falta a outras formas de relacionamento para alcançarem a perfeição que caracteriza a amizade, Montaigne vai aos poucos construindo nos múltiplos argumentos que representam a imagem da amizade: a liberdade, a intimidade, a afinidade de interesses e gostos, a ausência de rivalidade, aptidão por escolha mútua, o contínuo respeito e admiração mesmo depois da partida (morte) de um dos amigos. “...sentimentos a que damos o nome de amizade...” (I, 28, p. 216). Para Montaigne, nem os interesses sexuais, frutos de nossas escolhas, podem comparar ou substituir a amizade.

Nessa linha de raciocínio, Montaigne vê no amor e na amizade um poder de vias opostas, um movimento contrário à aptidão dos prazeres. O amor, como uma aptidão de desejos sensuais, é arrebatador, violento e que se destina a extinguir com o tempo; porém, a amizade é caracterizada por sua tranquilidade, serenidade, constância e tende-se a intensificar-se:

Quando o amor reveste as formas da amizade, o que ocorre quando se estabelece uma concordância das vontades, ele se esvai ou define. O gozo apaga-o, porque seu objetivo é carnal, e a saciedade o extingue. A amizade, ao contrário, cresce com o desejo que dela temos; eleva-se, desenvolve-se e se amplia na frequentação, porque é de essência espiritual e a sua prática apura a alma. (Montaigne, 2016, I, 28, p. 218D)

¹⁰ Mas é bom observarmos que nos tempos atuais, a relação entre pais e filhos é mais próxima; porém Montaigne escreve a respeito do assunto no século XVI.

Montaigne, no discurso da amizade mútua, afirma que: “[...] as almas entrosam-se e se confundem em uma única alma, tão unidas uma à outra que não se distinguem, não se lhes percebendo sequer a linha de demarcação” (I, 28, p. 220C). E com isso, o autor dos *Ensaio*s exalta a amizade à uma dimensão superior. De nossa parte, consideramos ser a amizade, entendida nos termos aqui apresentados, o lugar do exercício pleno da conversação.

Crítica ao modelo de educação

Na arte da conversação Montaigne nos faz entender sobre uma problemática recorrente, qual seja: objeções nas quais considera sem fundamento, dialética de cláusulas e fórmulas sem nexos racionais, digressões inúteis. No “Da arte de conversar” essas são digressões que visam, segundo Montaigne, entender e esclarecer que a defesa do diálogo tem que ser livre para o aprendiz, as correções e a aberta para contradizer e ser contradito. Desse modo, Montaigne vincula diversos elementos ao debate: o problema da verdade, a crítica ao pedantismo dos eruditos, a crítica ao modelo de ciência de sua época e a crítica sobre a metafísica.

Montaigne afirma que sabe pouco e que a sua arte de lidar com a “ciência” da educação ainda é fraca. Isso aponta para uma crítica aos comportamentos sociais de sua época. “Geralmente tenho visto marcharem de comum acordo as ideias elevadíssimas e os costumes mais condenáveis” (III, 13, p. 1024). Uma dessas críticas é dirigida à educação.

Em sua época havia um modelo de educação padronizada e que todos deveriam seguir, mas Montaigne, contradizendo a regra estabelecida, levanta a bandeira de oposição.

Odeio sobretudo um saber doutoral. Quanto aos professores (sábios), julgamos abaixo do homem comum, incapazes de funções públicas e levando uma vida miserável, de costumes baixos e vis, que os coloca no último degrau da sociedade: Odeio esses homens capazes de agir e cuja filosofia consiste unicamente em palavras vãs (Montaigne, 2016 I, 25, p. 171, 172).

A crítica à educação de sua época foi uma maneira de acordar as múltiplas matérias em função do que considera prioritário, que é a formação moral. Montaigne não queria a rotina da memorização e à formação pedante.

O filósofo concebe da ideia de que o conhecimento é intrínseco à vida. O ensino dos conceitos precisa ser incorporado para depois externar ao outro, é preciso tornar mais coerente e significativo o que é ensinado. A educação carece ter seu alvo na formação do caráter, a formação para a vida. O jovem deveria voltar da escola preparado para a vida; mas não, ao contrário, volta inchado e por vezes inflamado de arrogância por se intitular homem do saber; porém, um saber corrompido desprovido de sabedoria prática. “Indagamos sempre se o indivíduo sabe grego e latim, se escreve em verso ou prosa, mas se perguntar se se tornou melhor e se seu espírito se desenvolveu [...] Cumpre [...] indagar quem sabe melhor e não quem sabe mais” (Montaigne, 2016, I, 25, p. 174). De nada adianta se esforçar para continuar nos mesmos atos sem as virtudes. De nada vale o ato de decorar ou saber o que está exposto pelos sábios do passado, se não há o processo capaz de formular novos significados e ajuizamentos.

Não copie e cole, não imite. Montaigne parte do princípio de que é preciso ter uma cabeça bem formada, e saber refletir e ajuizar, agir e pensar pelos punhos da razão. Isso não quer dizer que o saber deixado pela tradição se tornou inválido, mas é um impulso necessário para que o homem possa prosseguir (não para ficar só nos rastros do passado), mas estar apto a abrir novas portas e novos horizontes, sabendo bem empregar a ciência em todas as ramificações. Ao contrário, na formação puramente livresca e pedante. Para o pedante e sua forma de ensinar.

A influência da tradição, para Montaigne, está implícita em todos os seus ensaios. É ela a base de suas reflexões. A tradição está para ele num patamar de importância prima com pensadores como Sócrates, Platão, Cícero, Sêneca e Plutarco e os grandes poetas Lucrécio e Virgílio: “A esse propósito legou-nos a Antiguidade exemplos edificantes” (III, 8 p. 867).

Contudo, é bom observar que para o autor dos *Ensaaios*, ‘imitar’ não significa memorizar, repetir, mas, antes, aprender a refletir, a pensar e exercitar o próprio julgamento – imitar é partir dos antigos, mas na sequência implica em saber refletir e externar a consciência de si por meio dos seus atos ‘virtuosos’ para a ascensão do bem (de si e dos outros). Para Montaigne, os grandes clássicos nos ensinam a ir progressivamente (proeminentemente) além das nossas capacidades: “E se cito os outros é para melhor dizer de mim” (I, 26, p. 184A). É como se ele dissesse: sigo os antigos para

deles produzir o meu, não sou um mero imitador de legados deixados. O ato da imitação é saber o que quer ser e ser um bom representante para o outro; imitar e absorver a sabedoria antiga é buscar ser um homem de bem: “Se pudesse medir-me com eles seria homem de bem, pois só procuro imitá-los no que têm de melhor” (I, 26, p. 184B).

O estudo dos antigos aquece o nosso desejo de seguir rumo ao seio do conhecimento, assimilando o que eles disseram e isso influencia e nos instiga a enfrentar os desafios do saber, vencendo-os pelos atos da razão. “Não se trata de aprender os preceitos desses filósofos, e sim de lhes entender o espírito. Que os aqueça à vontade, mas que os saiba assimilar” (I, 26, p. 188). Imitar ou estudar os antigos não adianta de nada se não realizar a seguir o processo de digestão, incorporação e ressignificação da sua sabedoria.

No final dessa presente argumentação monográfica, fica o sentido maior da amizade e da educação, que tece a sua teia rumo a uma construção filosófica por meio da conversação com quem não quer mais pousar no caos da mesmice. Assim como a amizade e a busca pela verdade ocuparam um lugar de destaque, não só na obra, mas na vida de Montaigne, deve também ter lugar na vida de quem quer trilhar o caminho da sabedoria, da ciência; o conhecimento como o alimento diário do intelecto para que as decisões ao longo da vida sejam as mais acertadas possível.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os *Ensaio*s percorrem temas diversos como a amizade, o conhecimento, a conversação, a busca da verdade, a consciência de si, os livros (de seus autores mais íntimos ou prediletos), as paixões, a profundidade do poder da imaginação, a educação das crianças e outros diversos sobre o cotidiano da humanidade.

O próprio escritor fala de forma proeminente quando se refere aos seus ensaios: “Ora folheio um livro, ora outro, sem ordem, ao acaso. Ora sonho, ora tomo notas ou dito, passeando, os devaneios que aqui se registram” (III, 3, p. 780). Os argumentos conversam sobre o próprio Montaigne e a relação diária que ele tem com os outros. Sua ligação com o outro acontece através de múltiplas maneiras no decorrer do Livro. E uma das maneiras é o gostar de conversar com seus semelhantes de espíritos fortes, que sabe discutir (de boas ou sábias ideias) e que sejam de bem.

Nestas considerações finais, em primeiro lugar, cabe destacar que Montaigne trata da “arte de conversar”, apresentando os vícios ou defeitos dos tolos a serem evitados no diálogo e as qualidades dos virtuosos ou das almas fortes no caminho de uma discussão baseada em argumentos consistentes, no princípio da ordem e da investigação filosófica. Com isso, a boa conversação surge e toma forma em oposição aos retóricos, aos dogmáticos, aos mestres pedantes e aos tolos.

Montaigne oferece um conjunto de advertências e conselhos que orienta para que os erros dos bajuladores do ‘sistema pedante’ sejam evitados. Os pedantes são os que contaminam o diálogo com suas ideias errôneas e néscias e gostam das controvérsias, sem o néctar da ordem nem da verdade. A partir das advertências para uma boa conversação é que se desenha as qualidades na ordem das ideias e a conduta prudente entre amigos, que ao mesmo tempo se contradizem e cooperam na busca da conversação construtiva.

A arte na conversação é a boa e bela conduta das ideias, com a finalidade não a alcançar um discurso verdadeiro das coisas, mas a ordem, a investigação e a prudência na argumentação amigável. A arte da conversação impõe ordem no discurso, ordem nas concepções do pensamento e ideias expostas. A amizade na conversação ocupa um lugar de destaque nos três livros dos *Ensaio*s de Montaigne. Os amigos servem um ao outro como espelho de virtude e a conversação articulam múltiplos detalhes entre a amizade, as virtudes e a liberdade.

Os *Ensaio*s montaigniano percorrem temas sobre a conversação, a amizade, o conhecimento, a educação, a verdade e a subjetividade, faz isso sempre pelo caminho da investigação filosófica, discursando com espíritos fortes, rigorosos e sensatos. Por meio da arte de conversar, com ordem e prudência, faz com que os amigos alcancem êxito tanto para aprender quanto para ensinar o que sabem.

REFERÊNCIAS

BIRCHAL, T. de Sousa. *O eu nos Ensaios de Montaigne*. Belo Horizonte: UFMG, 2007.

BURKE, P. *A Arte Da Conversação*. Tradução de Álvaro Luiz Hattner. São Paulo: UNESP, 1995.

MONTAIGNE, M de. *Ensaios*. Edição integral. Tradução e notas de Sérgio Milliet; revisão técnica e notas adicionais de Edson Querubini; apresentação de Andre Scoralick. São Paulo: Editora 34, 1ª edição – 2016 (2ª reimpressão – 2020).

MONTAIGNE, M. de. *Ensaios*. Tradução de Sérgio Milliet, 2ª ed. Brasília: Ed. UnB: Hucitec, 1987.

MONTAIGNE, M de. *Os Ensaios*, v. III. Tradução de Rosemary C. Abílio. – São Paulo: Martins Fontes, 2001.

MONTAIGNE, M de. *Os Ensaios*, vols. II, III. Tradução de Rosemary C. Abílio. – São Paulo: Martins Fontes, 2002.

TOURNON, André. *Montaigne*. Tradução de Edson Querubini. São Paulo: Discurso Editorial, 2004.

VILLEY, P. Os Ensaios de Montaigne. In Montaigne, M. *Ensaios*, v. II. Brasília: Ed. UnB; Hucitec, 1987.